

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## ANTONIO MALHEIRO

Dos tres Malheiros,—essa trindade inolvidavel de rapazes joviaes e sympathicos que ha vinte e cinco annos deliciava as cavaqueiras dos ozios de Barcellos,—Antonio era o mais velho.

Typo insinuante, maneiras de diplomata, coraçaõ bondoso.

Ainda se nos afigura vel-o sentado, n'essas paléstras interminaveis e cheias de vila; a perna direita traçada sobre o joelho esquerdo; um grande cachimbo suspenso nervosamente da sinistra de onde se evoluavam em espiraes azuladas os vapores da combustão de tabacos escolhidos; o braço direito n'um gesto apropriado, seguindo e confirmando a mobilidade dos olhos, que ora era languida e suave como a superficie tranquilla e seismalora dos lagos, ora energica e impetuosa como as caudae das torrentes.

Antonio Malheiro era o Amphitrião d'essas festas da mocidade.

Dava-lhe tal supremacia a sua educaçaõ finissima completada por formosos conhecimentos litterarios.

Poeta de raça, porque seu pae João Malheiro de Magalhães Vilas-Boas tambem o era, a sua alma vibrava com as estrophes dos nossos meliores metrificadores, assim como se sensibilizava com as bellezas de Espronceda e Campoamor, Lamartine e Hugo, Milton e Byron, Schiller e Goethe, Petrarca e Manzoni. Além do latim, que estudara com o egresso padre Antonio do Porto Paiva, conhecia vantajosamente os idiomas d'estes escriptores, á força de uma vontade persévante.

Antonio Malheiro era um *diseur* de primeira ordem. Anedoctas contadas por elle traziam todo o sa necessario para entusiasmar o auditorio.

Tinha versos magnificos, lyricos e epigrammaticos, feitos com toda a correçaõ, muitos dos quaes ouvimos recitar com grande prazer nosso; mas que infelizmente não foram até hoje collocados.

Pela morte de Lamartine publicou elle, n'um semanario d'esta terra, um bello soneto em francez. De balde o temos procurado, por falta de collocações d'essa epocha

Sonhador sempre, viveu todo confiado na muni-

são das chimeras, mal se harmonisava com os positivismos frigidados da existencia social, elle que fóra creado nos momentos em que o romantismo dictava as leis, se não, com uma firmeza utilitaria, pelo menos com mais elevaçã de intensões do que as chatezas deprimentes da actualidade.

A semi-bohemia enluvada e aristocrata, que disfructou, tinha fervorosos propugnadores na mocidade coimbrã d'esse tempo, que contava Anthero do Quental, João de Deus, Gonçalves Crespo, João Penha e tantos outros a suggestionar, o meio juvenil e despreoccupado de Barcellos.

Alguns annos depois de seus irmãos Alberto e Joaquim, a morte surpreheendeu-o contido na pujança da vida, enfiando ainda as contas do seu roزاری ideal, sem que profundas decepções viessem macular o seu sorriso permanente.

O bom humor foi sempre o seu companheiro inseparavel, sendo rarissimas as vezes que o entristecia a nuvem do desgosto.

Escravemos aqui estas despretenziosas linhas pelos ditos momentos que gosamos cheios de enlevos e aspirações, quer nas pittorescas margens do nosso Cavalo crystallino, quer no conforto do

convivio intimo, alegre e fraternal.

Em 1882 escrevia Antonio Malheiro, na morte do primeiro cidalão de Vianna, Matheus José Barbosa e Silva, o seguinte soneto:

Fica-te bem chorar! A dôr que te expedaça,  
Que te vem sobraçar na sua immensidade,  
Não pertence a ti só, pertence á humanidade  
A mim, a todos nós despótica se abraça!

Elle era justo e bom; se ao vicio era ameaça  
O gesto esmagador da sua ansteridade,  
A' morbida velhice, á pallida orphandade  
Jamais a sua mão fora d'allivio escaesa.

Não tinha ostentação do bem que derramava,  
E tentava encobrir no aspecto da rudeza  
A doçura sem fim, que n'alma lhe morava.

Tu paras cidalões, modelos de nobreza,  
Com a virtude sã que n'este fulgurava,  
Fica de os produzir cangala a natureza.

M. L.



## A LAGRIMA

### PASSEANDO E ANALYSANDO

#### III

Restaurar um *trabalho* que tem arte não é accrescental-o ou compol-o com elemental estudo de um simples relance de vista: não basta fazelhe quatro *folhas* com uma *configuração* mais ou menos approximada: é preciso estudar minuciosamente se n'elle ha *estyllo* dominante e se o ha—se pertence ao grego, romano, bysantino, araba, Henrique IV, renascença antiga ou moderna, allemão, gothico, Luiz XIII, XIV, XV, XVI, etc. Depois de conhecidas estas bases é que se estuda o que ha a fazer, tendo-se como preceito—não saber fóra do *estyllo*.

Examinemos agora a architectura do templo da Ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco, d'esta villa, e analysemos o seu *estyllo*.

A architectura exterior do edificio pertence á ordem toscana.

Esta ordem é classifica-la como a mais inferior, não porque seja de composição ordinaria ou ruim, mas sim pela sua copolencia e pouca altura, que, relativamente ás outras ordens, nos dá a ideia de uma base forte propria a receber todas as outras.

A configuração das portas e frestas, a empena da porta principal e a da frente do templo pertencem ao *estyllo* renascença, as portas de madeira, suas almofadas e seus ornatos, são de puro renascença.

O mesmo *estyllo* é perfeito em todos os altares, sanefas, e inclusivamente nas banquetas de castiças dos altares.

Entra-se, pois, n'un templo *renascença*—na sua pedraria interior e exterior, e, nos ornatos e linhas de todos os trabalhos, que dizem respeito a entalhador.

Houve uma pintura no tecto do corpo da igreja e capella-mór que tambem era renascença; pena foi substitui-la a d'aquelle pela actual, que não é desengraça-la, porém com a nota destoante de ser d'uma decoração *ad libitum*, e a d'este, por uma simples caiadella de branco...

Quem assim o entendeu era um ignorante.

Nota-se um erro na torre, de construção mais moderna. O seu primeiro corpo é toscano: igual foi a razão por que o segundo não foi da ordem doric e o terceiro da jonica?..

Eis um caso de má *restauração*.

A vista mais inculta conhece a differença que existe entre a parte nova da torre e a frente do templo.

Apesar das faltas que vimos notando, o templo dos Terceiros não tem soffrido *substituições* indelidas pela crassa e requinta ignorancia de

Arte, que se notam n'outros templos da nossa formosa villa—que iremos levemente notando.

EXCENTRICO.

#### NOTAS

Hoje a imprensa não é a transmissora do pensamento dos seus dirigentes.

E' o espelho onde se reflectem os grandes e pequenos embates sociais.

E' bella e é feia, é boa e é má.

Vem isto a proposito de phrases *anonymas*, que nos dirigem, respeitantes á nossa imparcialidade:—de envolver no mesmo feixe da troça o grande e o pequeno.

Queremos ficar de bem com a nossa consciencia e embora fiçamos de mal com todo o mundo.

Isto de harmonia com o caracter do nosso quinzenario.

E' nosso inimigo o que não quer que cumpramos o Dever.

«Mais juízo e menos vinho» dizia ha dias a manhosa da «Folha», em ar chocarreiro, a alguns novos barcellenses.

... Nós não á mão de Deus padre vamos no euxurro, porque trabalhamos para comer e para não morrer de fome...

N'estes tempos de frio, que a cama pede roupa, apreciámos—em familia—um sarrabulho miúdo, *aromatizado* com cominhos, *sainetizado* com limão, e *regado*, *regradamente*, com vinho branco abafado no cêdo com toda a força expansiva dos gazes.

... Não sabemos como o nosso sapateiro tem gôso em se emborrachar... Ainda um dia d'estes, com olhos avermelhados, olheiras profundas e azuladas e sem paladar, nos contou triumphantemente glorioso, maravilhas d'um vinho verde que o levou ao cambaleamento.

Se um dia nos embriagássemos, se o vinho nos levasse ao disturbio, á algazarra e depois soubossemos que tínhamos insultado os transcuntes, que se tinham rido á nossa custa pelo desalinho do nosso fato e pelo desalinho das nossas attitudes—pelintras, ridiculas, sujas, e imundas, seríamos capazes de fiar doentes de vergonha.

O que é curioso n'este nossa nobre villa—que teve martyres como Diogo Dias Milhás, bispos como D. Rodrigo Pinheiro, jornalistas como Rodrigues Sampaio, militares como Jorge Pinheiro, é ver os moços seus indigenas beberem uma canada de vinho e uma garrata d'agua de Vidago...

E' bom lembrar: o rapaz de Barcellos não chega a estar em jejum, porque come diariamente

## A LAGRIMA

desde as 7 horas da manhã até á 1 hora e 2 da noite.

(Guardem as excepções).

\*

Um ventaval furioso de vinha assilou nas ultimas trez semanas a nossa terra—em que os valios melra n á sômbra do desmazêlo.

Notem is os seus destrogos.

Fez arranjar a uns nittibis polintras os bucos do Jarlim e forçou-os a desurrul-os para fóra das suas grales.

Moven o tasqueiro Bômito, de Barcelinhos, a fazer levantar da cama de sua mulher um tal Santos, que com e la nupcialisava, catapultan-lo-o pela janella fóra e obrigan-lo-o a marchar a pé até o Porto em ceroulas, abrigado n'um leve casaco, n'ô lha danlo tempo, sequer de levar na sua bolsa de prata com una florã em ouro.

Arremessou uns tarapios com tanta impetuosidade le ganunial de enontro a uma valente grade de ferro e porta de madeira da sacristia da egreja de Villa Secca, que as pozeram em estilhaços, impillin-lo-os a levar, diante de si, duas caixas de esmolãs, com a importante quantia de 500 rs.

Levou Manuel José Dias de Souza, em Perehal, de navalha em punho contra Joaquim Villas boas, rasgando-lhe a mão esquerda.

Fez atirar, em Moure, pela mão de José Manuel Cerqueira, um aluvião de pedras sobre o telhado de Rosa Costa.

Impulsionou o Senhor de Marrancos a raptar um malhar, q'is era d'ôtro.

Descompoz umas meretrizes, nas Torres, e arrancou-lhes a bocca palavras furrimas.

Por ultimo fez arrachar, em Fragoso, pela dextra e sinistra de alguns gatunos, quatro duzias de videlã de lavrã Jô Luiz Guinã.

Para una siberipã aberta a favor das principais victimas já ha muitos subscriptores. Os principais sao:

|                      |        |      |
|----------------------|--------|------|
| A Administrador..... | 9:000  | réis |
| Secretario.....      | 29:000 | "    |
| Amunimães.....       | 200    | "    |
| Officiaes.....       | 20     | "    |

N. B.—Consta-nos q'ay o José Vasconcellos não concorre para a subscripção porque quem é incorrecto, diz elle, vai para a cadeia.

Se na cadeia se trabalhassã como no trabalho para comer e não morrer de fome...

Ben diziam os artigos que o habito nlo fiz o monge. Na epôda actual, no fim do século das luzes, onde tudo brilha illuminado pelo pharol da Civilisãço, ver um rapaz rasoavelmente vestido, o fato sem nodos, bem barbeado nunca é para suppr que nao saiba ler e es-

crever. E' o caso do Joaquim Carvalho ir gosar o espectáculo do sorteamento dos recrutas, e a alguns offerecer o seu prestimo junto do pessoas que os podiam livrar. Houve um d'aldeia mais fino que o Carvalho, que para ceder ás instancias da offerta e assim ver-se livre, não de ir para a milicia, mas da vaidade balofa de quem está tão bem relacionado, accitou o bilhete de recommendaçã, e que nós temos em nosso poder.

O bilhete rosa assim:

*Amigo Capitom*

*Joaquim de Carvalho*

*Peu lhe fulore L'ireme este Rapas.*

Ora vejam se tudo isto, com excepção do de entre os nomes, não está em desacordo com o sr. de Carvalho.

A apostar em como elle conhece os numeros do quino do Zé do Botuquin? Olá se conhece!

*Aos nossos leibres*

De Antonio Malheiro possuimos o soneto inserto no artigo principal e uma poesia intitulada Visão. O trabalho de paginação é que nos força a trocar.

### RAMALHO ORTIGÃO

Este illustre critico agradeceu da seguinte maneira, a um nosso amigo, a remessa d'uns paliteiros da ceramica de Gallegos, a que já nos referimos n'um cavaco que tivemos com s. ex.<sup>ta</sup>:

«Recebi, e muito lhe agradeço, a interessante collecção de *paliteiros* que teve a amabilidade de me enviar. A ingenuidade do fabrico d'estas peças dá-lhes um ar archaico de productos bysantinos. A manifesta influencia do ebafariz de Villar de Frdes no agrupamento dos pombos formando uma especie de capitel em alguns dos paliteiros é a prova de que não se perde nunca a influencia de uma obra d'arte na educação esthetica do povo, ainda entre as classes que mais refractarias nos pareçam a esta especie de suggestão.»

*Domingos Coelho*

Chega hoje a Barcellos, vindo de S. Paulo, o nosso bom e sympathico amigo Domingos Coelho, antigo rector litterario e artistico da «Lagrima», um bom typo de Italiano, sympathico, que encanta e captiva.

Iremos dar-lhe o abraço das boas vindas.

*Pedimos aos nossos assignantes em debito o obsequio de satisfizerem o importe de suas assignaturas.*

*Na cara servem de adorno,  
Mas o que são não se diz,  
Hu-os castanhos e pretos  
Entre a bozza e o nariz.*

*Nas mulheres não se encontram,  
Nas creanças tambem não,  
Ao Mattos, do hotequim,  
Peço a decifração.*

*—Decoito, meu caro amigo,  
Comigo não se dequite,  
Fille-me em pão com manteiga,  
Em chá ou café com leite.*

*Charadas não são p'ra mim  
Porque já não sou menino,  
Para massadi já basta  
A que tenho com o quino.*

*Mas, uma vez sem exemplo,  
Lá vas a decifração:  
E' o fudinho do Peres  
Tocado em rabeção.*

NOTICIAS DIVERBAS

Lá virá o tempo em que os homens andarão com as calças em baixo de tolo, pois agora usam-n'as meio arregaçadas.

\* Conhecemos militares de graduação elevada que têm verosimilhança com Mousinho por fazerem *conquistas* de... sopeiras.

\* ¿Em que se' parecem algumas damas com um cão damnado?: Em terem horror á agua.

\* O que dá no olho dos viajantes, na rua Direita, depois do espigueiro-sacada, é o excellente deposito de chancas de Penafiel que tem o nosso amigo Bento.

\* Um prato magnifico, hoje requisito obrigado nas merendas de creanças, para lhes elear o paladar, é o de sardinhas assadas na braza e immediatamente comidas com pão de ló.

\* Na freguezia de Roriz ha um homem Branco que se põe vermelho com o *tinto*.

\* Nem que o Joaquim Valle queira, o verde de porco não amadurece.

\* Disse Guerra Junqueiro, por occasião da morte de Victor Hugo, que os poetas d'este seculo cabiam á vontade n'umas agnas-furtadas, porém para caber o auctor dos *Miseráveis* seria preciso um amplo salto. Realmente o egregio francez, segundo o que se observa nas estampas, era um homem atenta-lo.

\* O Adriano, marceneiro, pinheiro sem galhos, passou-se da ban la Barcelense, onde foi carilhosamente rudimentarisa-lo na Muzica, para a dos Voluntarios. E' natural isto nos ingratos mal intencionados. O que achamos curioso é ser levado a isso por fizes de ceira e aguardente de bagaço. Logica: se o José Marcellino quizesse que elle voltasse ao seu lar muzical bastava prender um

fizo unta lo em aguardente n'un anzol e penlural-o na casa do ensaio—que estava seguro d'abi a horas.

*.....irado, e não fazendo.  
Ameaçando a terra, o mar e o mundo.*

Quem passasse na rua Direita, segunda-feira, seriam, pouco mais pouco, menos, 7 horas da tarde, via que qualq'ier coisa de anormal havia acontecido n'esta villa, em geral pacifica e socegada, mas ao presente muito desordeira, graças ao vinho novo. Varios grupos estacionavam nas proximidades do café Mattos, e embora as suas palavras fossem ditas em voz de surdina, via-se pelos movimentos que a questão era acalorada. Os que passavam abrandavam o passo e olhavam de soslaio como que interrogando os grupos, onde estavam entre outros, a Pharmacia, representada pelo Joaquim Valle e a Justiça, pelo Miguel Domina. Porém, o mais perspicaz nada descobria. Aventavam-se hypotheses, faziam-se mil conjecturas, estudavam-se os gestos dos interessados na questão, mas nada. Ninguem se atrevia a gritar o—*Eureka*.— Uns progressistas, que todos os dias far' jun a queda do governo, chegaram a mandar comprar foguetes os republicanos lembrando-se do amanhoeir de 31 de janeiro, imaginaram ver o Alagoas em frente do Belem, e preparavam-se já para um estrondoso—Viva á Ré... e os regeneradores na consciencia tranquillizadora dos bons officios do governo esfregavam as mãos de contentamento por saberm que elle está mais seguro que o S. Jorge com a sua tarracha. Andava coisa no ar. Mas que coisa seria? Eis a interrogação visível para todos, e que ninguem era capaz de transformar em ponto final.

\*

Desfeito o enguiço, nada mais simples e comico como o extranho caso que apavorou tantas cabeças. O Adriano, musico da Barcelense, ensinado pelo José Marcellino a tirar sons d'un instrumento que parece o cachimbo de qualquer Pachá do Oriente, passou o pé para musica dos Bombeiros com armas, isto é, com o instrumento que foi pagar ao Alves em bellas notas, mandando a bagagem, o uniforme, ao mestre. Este, que não ponde engulir a pilula da ingratidão, e os apaixonados que tambem não soffreram com resignação evangelica o ponta pata do Adriano, reuniram-se formando grupinhos e estudando o mal que deviam fazer no transfuga. Afinal resolveram, por mais não poderem fazer, participar ao sr. administrador que o homem havia entregado o uniforme já bastante deteriorado e maltratado, quando devia ser novinho em folha, e portanto pedir-se lhe a responsabilidade.

Em resumo—questões de musicas.